

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LUCIMARA VALDAMBRINI MORICONI

PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

CAMPINAS

2014

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

M825p

Moriconi, Lucimara Valdambri, 1989-
Pertencimento e identidade / Lucimara Valdambri. –
Campinas, SP: [s.n.], 2014.

Orientador: Adilson Nascimento de Jesus.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Identidade. 2. Valores. 3. Respeito. 4. Relações
humanas. II. Jesus, Adilson Nascimento de, 1962- II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

14-042-BFE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LUCIMARA VALDAMBRINI MORICONI

PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação / UNICAMP, realizado sob orientação do Profº Dr. Adilson Nascimento de Jesus.

CAMPINAS

2014



“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”

Rubem Alves

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela minha vida e por ter me dado força para superar todas as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção, administração e funcionários em geral, que me deram a oportunidade de conviver dia-a-dia na universidade, ampliar minha visão de mundo e meus conhecimentos.

Ao meu orientador Adilson, pelo suporte e incentivo, dentre os meus tantos sumiços e ressurgimentos, sempre teve paciência e dedicação. Sinto-me grata pelas oportunidades de discussões, trocas de experiências, desabafos e poder conhecer novos pontos de vista.

A minha família, meus pais em especial, que sempre me incentivaram e apoiaram para concretizar esta etapa da minha vida. Aos meus irmãos, que ora perto ora distante, sempre estiveram me ajudando e dando suporte.

Aos meus amigos, os de Campinas e os de Pinhal, que no decorrer deste período me deram a oportunidade de sorrir, chorar, desabafar e entre tantas coisas que me fizeram crescer.

A todos que tive a oportunidade de conhecer durante este período da graduação que, direta ou indiretamente, colaboraram para o meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional, e me ajudaram a construir o que hoje eu sou, o meu muito obrigada.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca discorrer sobre os sentimentos de pertencimento e identidade, por meio de reflexões junto a alguns autores, como Bondía, Maturana e Rezepka, Lesting, Weil, entre outros.

Percebo que muitas pessoas não vêm dando importância a esses sentimentos e já não valorizam culturas, ambientes, relações e conseqüentemente desrespeitando-os. Os espaços públicos são depredados e desvalorizados, as relações entre as pessoas são frágeis e descartáveis, o consumo desenfreado vem desencadeando sérias crises ambientais, temos nos tornado seres egoístas em busca do próprio conforto e satisfação. Com isso, compreendo que o homem vem tornando-se um ser desenraizado.

O objetivo dessa pesquisa é levantar questionamentos sobre a influência desses sentimentos e conduzir a um caminho que leve à reflexão sobre a perda deles nas pessoas, nas relações, na convivência em comunidade, dentro do ambiente escolar e quais são as conseqüências disso. Dessa forma abordo alguns temas que os envolvem e desenvolvem, implícita ou explicitamente, como a alteridade, a educação ambiental, pedagogia da práxis e a visão holística.

Acredito que os sentimentos de pertencimento e identidade são a alavanca que iniciará e despertará nas pessoas reflexões sobre o mundo e sobre as próprias atitudes. Com essas reflexões torna-se possível que elas olhem mais para si e transformem seu modo de viver, conduzindo a vida de uma forma em que o diálogo prevaleça, que o amor transborde e inspire, tornando-a mais tranquila e suave em meio aos atropelamentos do dia-a-dia.

Penso na vida comparada às borboletas que depois de passarem por uma longa e silenciosa metamorfose, tornam-se belas e leves, levando-as a um sentimento de emancipação e libertação.

Palavras-chave: pertencimento, identidade, valores, respeito, relações humanas.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO	8
1. O QUE É PERTENCIMENTO E IDENTIDADE?	14
2. QUAL A IMPORTÂNCIA DESSES SENTIMENTOS?	21
3. COMO DESPERTAR OS SENTIMENTOS DE PERTENCIMENTO E IDENTIDADE NAS PESSOAS?	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
VIDEOGRAFIA.....	51

INTRODUÇÃO

Não sei

Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Carolina

O que toca o coração das pessoas move, faz com que elas se sensibilizem ampliando a visão de mundo, saiam do comodismo e passem a enxergar e compreender mais o outro e o que está no seu entorno, acontecendo assim à transformação das atitudes e dos valores de cada um.

Sentimentos como pertencimento e identidade podem interferir na construção dos valores e das atitudes. Para que sejam despertados, antes se faz necessário sensibilizar o coração das pessoas que convivemos no dia-a-dia, tanto na escola, no trabalho, família, amigos, enfim todos que fazem parte do nosso círculo de convivência, pois a emoção promove a transformação das pessoas, levam à reflexões e mudanças de atitudes.

A vida é feita de momentos simples que nos comovem. São esses momentos que verdadeiramente marcam e trazem o sentimento de identidade

ao ser humano. Esses momentos que dão sentido à vida das pessoas são aqueles que também vão constituir seu caráter, dignidade e personalidade. São eles que farão surgir o sentimento de pertencimento e conseqüentemente trarão uma identidade de singularidade.

No terceiro ano da graduação fui estagiar em um instituto de educação ambiental. Lá, nós estagiários, passávamos por diversas formações com alguns profissionais que nos levavam a desenvolver algumas reflexões. Envolviam as questões das crises ambientais que trazem como consequência sérios problemas no mundo, as escolas que mantínhamos contato, formas de como sensibilizar, despertar reflexões e “tocar” as crianças e adultos que visitavam o instituto, além de reflexões sobre nossas atitudes, nossos valores, ética, etc.

Com o tempo fui percebendo que seria impossível ensinar ou passar algum conhecimento sobre algo se não sensibilizar os envolvidos nessa ação, porém antes seria necessário que eu própria estivesse sensível e aberta para receber ou transmitir conhecimentos.

Para ser sensibilizado acredito que seja necessário um gesto de interrupção, parar para pensar e compreender aquilo que estou sentindo, ao mesmo tempo, conforme vou percebendo como esse sentir me afeta vou me abrindo a ele. Assim ser sensibilizado é deixar-se envolver pelos sentimentos, tentando despertar o lado bom e deixá-lo fluir na vida.

Foram com essas reflexões que cheguei ao tema da minha pesquisa. Acredito que os sentimentos de pertencimento e identidade são a alavanca inicial que despertará reflexões sobre o mundo, sobre as atitudes e com essas

reflexões é possível que as pessoas saiam do “modo automático¹” de viver e transformem suas atitudes, levando a uma emancipação.

Acredito que se os sentimentos de pertencimento e identidade estivessem mais fortalecidos dentro das relações humanas ou físicas na escola e na comunidade, valores como respeito, cuidado, ajuda ao próximo também estariam mais presentes. Até mesmo a própria aprendizagem de conteúdos escolares seria mais simples e prazerosa.

Atualmente percebo que muitas pessoas não vêm dando importância a esses sentimentos e já não valorizam culturas, ambientes, relações e conseqüentemente acabam desrespeitando-os. Os espaços públicos, por exemplo, que poderiam ser cuidados e servir ao convívio de todos os cidadãos acabam sendo depredados e desvalorizados. Situações que exemplificam isso foram as depredações nas manifestações populares de junho de 2013, que surgiu em São Paulo e se estendeu para diversas capitais. Inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, mas no decorrer muitos prédios foram apedrejados, lojas saqueadas, carros e ônibus incendiados.

Porém não foi necessário ir às manifestações que ocorreram para presenciar tais atitudes. Andando pelas ruas percebem-se quantas pichações em prédios públicos ou privados, as praças que eram para ser um ambiente comum de lazer e convívio, muitas vezes são abandonadas e tornam-se locais em que acontecem diversos tipos de violência.

¹ Com o termo “modo automático” quis representar aqueles momentos da vida em que, com a correria cotidiana, não paramos para refletir sobre o porquê estamos fazendo as coisas, quais sentimentos temos quando fazemos e quais as conseqüências de tais atitudes para mim e para o próximo. Vamos vivendo sem ter um porque e sem saber este porque, ou seja, sem refletir sobre as nossas atitudes.

O desrespeito entre seres humanos também se faz presente. As relações entre pessoas já não são mais consistentes, são frágeis e descartáveis. A comodidade e o interesse no próprio bem estar vem nos tornando cada vez mais seres egoístas em busca do próprio conforto e satisfação. Nas eleições presidenciais de 2014 também pude perceber falta de pertencimento e identidade que muitas pessoas manifestaram em relação ao próprio país e todos que aqui vivem. Com a derrota de uma das partes insultos e revolta foram agressivamente manifestados. Xenofobia, racismo, homofobia entre outras “fobias” se revelaram nas redes sociais e no discurso de muita gente, ao ponto de defenderem a divisão do país em norte e sul.

A relação homem/natureza está sendo prejudicada da mesma forma. Em busca de um consumo desenfreado, fortes crises ambientais já começaram a surgir, e em consequência todo o planeta está sendo prejudicado. Com tudo isso, percebo que o homem vem se tornando um ser desenraizado.

Sobre esse assunto, Laís Mourão Sá (2005), no texto “Pertencimento”, descreve:

A ideologia individualista da cultura industrial capitalista moderna construiu uma representação da pessoa humana como um ser mecânico, desenraizado e desligado de seu contexto, que desconhece as relações que o tornam humano e ignora tudo o que não esteja direta e imediatamente vinculado ao seu próprio interesse e bem-estar. (...) Diz-se, então que os humanos perderam a capacidade de pertencimento. (SÁ, 2005, p.247)

Nesse trecho percebe-se que as pessoas já não valorizam mais o simples e aquilo que de fato é necessário à vida, como um abraço apertado, rever um amigo querido, ajudar um irmão, trabalhar em algo que motive e dê

prazer, encontrar o belo das pequenas coisas e dos pequenos gestos deixando-se envolver pelas alegrias desses momentos.

O individualismo faz com que cada um pense somente em si, deixando de lado o espírito coletivo de comunidade e gerando catastróficas desigualdades sociais. A capacidade de pertencimento que Sá (2005) descreve, é a capacidade do ser humano de se sentir pertencente ao meio, enraizado e, quando isso acontecer, as pessoas despertarão o seu lado mais sensível, refletirão sobre o que realmente valorizam na vida e estarão abertas a pensar em comunhão, em comunidade.

Nesse sentido, esse trabalho buscará, por meio do diálogo e reflexões junto a alguns autores, discorrer sobre os sentimentos de pertencimento e identidade. Dessa forma abordarei alguns temas que envolvem e desenvolvem esses sentimentos, implícita ou explicitamente, como a alteridade, a educação ambiental, pedagogia da práxis e a visão holística. Assim, a pesquisa será dividida em alguns capítulos, com o intuito de facilitar a compreensão.

Inicialmente buscarei identificar o que é pertencimento e identidade, para que assim se faça uma compreensão sobre o que pretendo refletir. No segundo capítulo apresentarei qual a importância desses sentimentos no contexto atual, para que se possa perceber que eles envolvem valores e atitudes das pessoas e como eles poderão transformá-las. No terceiro capítulo apontarei possibilidades de como fazer para que esses sentimentos sejam despertados, valorizados e passem a transformar as pessoas; quais suas interferências no ambiente escolar, visando melhorias e transformações dentro desse ambiente e no convívio de todo dia.

Ao final apresento as considerações finais em que procurarei trazer alguns questionamentos e colocar algumas experiências escolares que já tive, a fim de levarem as reflexões sobre o que estamos valorizando e sobre a importância do amor estar presente nas relações, nas atitudes e como pertencimento e identidade podem fazer parte disso.

1. O QUE É PERTENCIMENTO E IDENTIDADE?

Pertencimento é quando uma pessoa se sente pertencente a um local ou comunidade, sente que faz parte daquilo e conseqüentemente se identifica com aquele local, assim vai querer o bem, vai cuidar, pois aquele ambiente faz parte da vida dela, é como se fosse uma continuação dela própria.

Em um documento emitido pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CONAS) e Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), intitulado “Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes”, do ano de 2009, é descrito em seu glossário o que são grupos de pertencimento:

Grupos de pertencimento: Grupos aos quais ao longo da vida uma pessoa participa (familiares, escolares, profissionais, de amizade), que são fundamentais para a construção da identidade individual e social. (CONAS/CONANDA, 2009, p. 97)

Sobre a identidade, Rogério Ribeiro Jorge (2009) em sua tese “Território, identidade e desenvolvimento: uma outra leitura dos arranjos produtivos locais de serviços no rural” afirma que a identidade é o "resultado de um trabalho permanente de renovável construção social e política, mas também geográfica, que leva em conta a extrema mobilidade dos agentes sociais” (JORGE, 2009, p. 240).

Ele alega que em grande parte da formação e afirmação de identidades, o território é de grande importância, o espaço físico em que se vive será o elo comum que levará à identificação das pessoas daquele ambiente. Para identidades que são firmadas no território, ele as qualifica como “identidades

sócio espaciais” e é isso que permitirá que seus membros se sintam plenamente integrantes de um grupo.

Segundo Bauman (2003) no livro “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual” defende que a construção da identidade é um processo sem fim, passível de experimentação e mudança, de caráter não definitivo, fazendo com que ela seja construída continuamente ao longo da vida.

Já Maturana e Rezepka (2003) no livro “Formação Humana e Capacitação” defendem que a identidade “não é uma propriedade fixa, mas um modo relacional de viver que se conserva no conviver.” Afirmam que existe uma identidade sistêmica e que quando modificada a dinâmica do sistema a “identidade” ou “ser” estará também sujeito a uma modificação.

A identidade é construída durante todo o decorrer da vida, e ela é passível de mudanças de acordo com os momentos e fases que cada um vive. Porém isso não significa que de repente eu esquecerei minha identidade e me tornarei totalmente diferente, como se com a renovação eu estivesse começando sempre do “ponto zero” da nossa vida. Penso que conforme vamos amadurecendo mudamos os gostos, os jeitos e a forma de ver o mundo, mas isso não apaga o que já se passou. Conforme vamos vivendo e mudando nossa identidade, vamos acrescentando coisas novas até formar o ser por completo, o indivíduo, e que a essência humana que temos em nós, e todas as coisas que já nos tocaram no decorrer da vida, essas nunca serão esquecidas.

Ainda refletindo sobre o livro de Maturana e Rezepka (2003), eles afirmam que a identidade está em “ser humano” e não na atividade, assim homens e mulheres deveriam crescer no respeito por si mesmos e pelo outro. No dia a dia e principalmente dentro do ambiente escolar as crianças são

formadas para ser a “salvação do mundo”, estão sendo preparados para um futuro que agora desejamos. Dessa maneira estamos alienando-os e obrigando-os a buscar a identidade fora delas próprias, fazendo com que busquem um mundo que nós queremos, desconsiderando o que elas querem.

Para Maturana e Rezepka

...Quem busca a sua identidade fora de si está condenado a viver na ausência de si mesmo, movido pelas opiniões e desejos dos demais, “não estará nem aí”. (MATURANA e REZEPKA, 2003, p.10)

Refletindo sobre essa citação, vejo que nossa juventude atual quase sempre não está “nem aí” para nada. Desde que tenham uma roupa da moda e uma imagem de “pegador/espertão” é suficiente para que sintam-se satisfeitos. Com isso, a essência e o caráter humano ficam para trás.

Acredito que muitas coisas influenciam e confirmam este “estar nem aí”, como por exemplo, as músicas que atualmente são populares entre os jovens. Em uma busca rápida em um site de músicas que muitos jovens têm acesso, fui conferir os “Top 100”² e a música que se encontrava na primeira colocação lançou a pouco, e mostra um certo descompromisso com a sociedade, com a política, com as relações, além de um desrespeito contra a própria imagem do ser humano. A música que falo chama-se “Catra Presidente” e Thiago Matheus que canta.

*Catra Presidente (part. Mr. Catra)
Thiago Matheus*

*Essa noite eu tive um sonho
Foi o mais engraçado que eu já tive
Era eleição no Brasil
E um cara quis tirar o país da crise*

² As cem músicas mais tocadas na semana.

*Sua proposta era proibir os casamentos
Motéis de graça, em nome do amor
Você não sabe o que aconteceu!
Meu Deus, o Catra se candidatou!*

*Segunda-feira é folga
Terça ninguém trabalha
De quarta a domingo é dia de balada
Vote 69 que ele não te engana
Imagina o Catra Presidente uma semana.*

Essa música foi somente um exemplo de um vasto repertório que toca hoje nas rádios e que estão na moda para os jovens. Fico a pensar como músicas assim, de certa forma, se tornam um incentivo ao sexo desenfreado, a ideia de que trabalho é perda de tempo, a uma imagem “ridicularizadora” da política, além de outras músicas que induzem ao consumo de bebidas alcoólicas, drogas e alienação.

Inicialmente achava que os sentimentos de pertencimento e identidade estavam ausentes na vida dos jovens que citei, que não estão “nem aí” para nada, porém após conversas e refletir sobre o assunto, pude perceber que esses sentimentos não estão ausentes, ao contrário, eles estão presentes na vida deles, mesmo que seja uma cultura de alienação e competição. Surge então uma nova questão: o que fazer quando os sentimentos de pertencimento e identidade conduzem o despertar de uma cultura alienada e competitiva?

Acredito que precisamos cativar os sentimentos de pertencimento e identidade de forma que despertem o nosso lado crítico e reflexivo, que despertem o nosso lado bom, desenvolvendo sentimentos como amor, respeito, responsabilidade, cuidado, proteção, solidariedade, compromisso e honestidade. E para que isso aconteça, é fundamental que a pessoa participe, no decorrer de sua vida, da família, da escola, do trabalho, das amizades, do

bairro, entre outros lugares, levando-a a atuar em grupo, em comunhão, numa coletividade que alimenta os relacionamentos humanos.

No curta-metragem “A casa em pequenos cubinhos” de KATÔ (2008), o tema em questão é apresentado de uma forma sutil. O filme conta a história de um senhor que vive em uma casa e nela estão suas raízes, o seu viver. Por mais que nessa casa ele passe por algumas dificuldades é lá que ele quer viver. Pois naquela casa aquele senhor tinha uma vida intensamente vivida, fazendo com que não fosse simplesmente uma casa construída de tijolos, mas uma casa construída de história, de vida, amor; um local que ele cuidava, respeitava e protegia. Durante o filme é como se aquele senhor mergulhasse dentro dele mesmo, revivesse o que já se passou e ao final percebesse que tudo valeu a pena.

A noção do sentimento de pertencimento nas pessoas é algo que se encontra intrínseco a elas, mas que, no decorrer do tempo cada vez mais está sendo esquecido. Indaga-se o porquê de, a cada dia que se passa, esses sentimentos estarem sendo deixados de lado, e se tem sido feito algo para resgatá-los, já que eles são importantes, pois envolvem valores e atitudes das pessoas.

Lestinge (2004) em sua tese discute a crise ambiental, fala da frágil relação do ser humano com o seu entorno, o que nos leva a uma atitude de não responsabilidade com o mesmo e assim, ao desenraizamento.

Refletindo sobre esse apontamento de Lestinge (2004), percebo que a atitude de não responsabilidade do ser humano vem se dando não somente com o entorno físico que ele vive (casa, construções públicas, rios, etc), mas também vem afetando as relações humanas.

As relações entre as pessoas vêm sendo cada vez mais descartáveis, são frágeis e não duradouras, o meio ambiente está sendo destruído em busca de conforto e riqueza de poucos, o sentir e viver já não têm tanta importância, o que importa agora é ter e poder. A vida já não é tão valorizada, o próximo já não é meu irmão e nem é problema meu.

Nesse sentido me recordo de uma música que fala como as relações estão descartáveis e compara certo relacionamento com um copo descartável ou um guarda chuva perdido, entre outras coisas.

*Copinho
Henrique e Diego*

*Co co co copinho descartável
Me usou, amassou e jogou fora
E agora meu amor o que é que eu faço
Sem você o meu coração chora*

*Aquela calça jeans
Que você não usa mais
O resto do perfume
Que você deixou pra trás
Sou eu, sou eu, sou eu...
Sou eu, sou eu, sou eu...*

*Aquele guarda-chuva que você perdeu
O troco do supermercado que você esqueceu
Sou eu, sou eu, sou eu...
Sou eu, sou eu, sou eu...*

Ainda refletindo sobre a tese de Lesting (2004), ela apresenta duas possibilidades existentes de conceitos para o sentimento de pertencimento:

A priori esse conceito – pertencimento – pode nos remeter a, pelo menos, duas possibilidades: uma vinculada ao sentimento por um espaço territorial, ligada, portanto, a uma realidade política, étnica, social e econômica, também conhecida como enraizamento; e outra, compreendida a partir do sentimento de inserção do

sujeito sentir-se integrado a um todo maior, numa dimensão não apenas concreta, mas também abstrata e subjetiva. (Lesting, 2004, p. 40)

Nesse trabalho busco focar nos dois conceitos de pertencimento que Lesting (2004) define, tendo em vista que um poderá levar ao outro e completá-lo, no sentido que quando eu me enraízo a um ambiente e às suas características isso me levará a desenvolver não só sentimentos em relação àquilo, mas também a reflexões que muitas vezes despertarão um lado mais crítico, transformando a forma de ver o mundo e buscando reflexões que sejam emancipatórias.

2. QUAL A IMPORTÂNCIA DESSES SENTIMENTOS?

Com o sentimento de pertencimento é possível que as pessoas valorizem e cuidem mais do ambiente que estão inseridos e das pessoas, seres e coisas que ali participam. Também resgata-se alguns sentimentos como o amor, o cuidar, valores, ética e respeito. O pertencimento cria uma identidade no indivíduo que fará com que ele, inserido dentro de uma comunidade e um contexto específico, se empenhe para que coletivamente lute por uma sociedade mais justa. Isso levará as pessoas a refletirem mais sobre a vida e o ambiente, criando um pensamento mais crítico e reflexivo dentro de uma perspectiva emancipatória.

Refletindo sobre os sentimentos como o respeito, a ética e valores, de certa forma os três estão envolvidos e se relacionam.

Penso que o respeito envolve um olhar sensível a tudo aquilo que está além de mim, muitas vezes ele é confundido com obediência absoluta, mas para mim não, o respeito é algo muito mais complexo que tem a ver com outros pontos de vista além do meu, a parar para escutar e refletir sobre o olhar do outro, propondo um diálogo, uma dialogicidade, algo subjetivo. Acredito que para as relações envolverem o respeito, atitudes como o diálogo, a reflexão, a delicadeza³, a argumentação, entre outros, serão indispensáveis.

A ética, a meu ver, está relacionada com a busca por um melhor modo de viver e conviver. Derivada do grego significa aquilo que pertence ao caráter. Ela se diferencia da moral, pois a moral se fundamenta na obediência, a costumes e hábitos impostos pela sociedade, o que leva aquele bordão “O que as pessoas vão pensar se souberem que você fez isso?”, criando um

³ Delicadeza no sentido de não agredir o ponto de vista alheio e sim argumentar e dialogar.

sentimento de ter que fazer coisas que as pessoas dizem ser corretas, em um movimento de fora para dentro. Já a ética envolve o ser, eu reflito, eu penso nas minhas atitudes, vejo se é bom para mim e como afetará o meu próximo⁴.

Tanto a ética como o respeito envolvem os valores individuais e coletivos. Valores são sentimentos e atitudes que são estimados pelas pessoas, é algo que vem de dentro para fora e que assim recebem uma atenção especial. Se valorizar algo é porque isso é importante para mim. O problema que vejo que vem surgindo em relação aos valores das pessoas foi quando a valorização do material, da posse e do poder passou a ser⁵ mais importante do que a valorização das pessoas e dos sentimentos.

Na tese “Políticas públicas de formação de educadores ambientais: Análise do processo de constituição do coletivo educador de São Carlos, Araraquara, Jaboticabal e região”, Santos (2010) discorre sobre a educação ambiental de forma que seja desenvolvida ocasionando reflexões transformadoras e emancipatórias. A autora afirma que diante da realidade em que vivemos com produção e consumo desenfreado, o momento é crucial para repensar a forma de ver o mundo, rever valores e buscar alternativas frente ao modelo hegemônico vigente, que levem em consideração os aspectos ecológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais. Para que isso aconteça ela acredita na prática da educação ambiental que não acontece somente no ambiente escolar, mas que deve ser praticada no decorrer da vida.

Santos (2010) afirma que com a ideologia individualista da sociedade capitalista os sentimentos de pertencimento e identidade se perderam e que é

⁴ Próximo eu não me refiro somente às pessoas, mas também a natureza e coisas físicas que convivemos.

⁵ Digo “passou a ser” como se antigamente as pessoas valorizassem mais o subjetivo, porém não estou certa disso, mas me refiro ao falar de pessoas mais antigas quando dizem “Antigamente os jovens respeitavam os mais velhos”... “na minha época as coisas eram melhores”.

necessário retomá-los. Em sua pesquisa ela trabalha com coletivos educadores⁶, e afirma que, para criar uma identidade e o sentimento de pertencer ao local, é necessário que a educação ambiental seja desenvolvida de acordo com a realidade do seu território, com uma abordagem participativa que reforce a responsabilidade e o compromisso dos diversos atores e instituições envolvidas com a problemática ambiental e social.

O sentimento de pertencimento envolve respeito, querer bem, cuidado. Quando estes sentimentos estão ligados ao próprio corpo, o ser se conhece melhor, realizando novas descobertas dele próprio, e passar a enxergar a importância do corpo para si e cuidá-lo da melhor forma possível. Seu corpo é seu templo, se não cuidares ele virá à ruína. Assim me descobrindo, estando bem comigo mesmo posso ser melhor em tudo o que fizer, inclusive na educação.

Lesting (2004), em sua tese, acredita que com o sentimento de pertencimento torna-se possível a libertação das pessoas. Esse sentimento levará o indivíduo a se enraizar, a se formar como um ser, nutrir-se do que há ali criando a sua identidade. Com uma identidade firme e consistente ele poderá passar pelo desenraizamento, pois poderá ir para qualquer lugar que seus princípios sempre estarão presentes, seus referenciais serão claros e sua essência consistente, libertando-o. Como se fosse um movimento, uma práxis da identidade.

6 Coletivos Educadores são conjuntos de instituições que atuam em processos formativos permanentes, participativos, continuados e voltados à totalidade e diversidade de habitantes de um determinado território (...) O papel de um Coletivo Educador é promover a articulação institucional e de políticas públicas, a reflexão crítica acerca da problemática socioambiental, o aprofundamento conceitual e criar condições para o desenvolvimento continuado de ações e processos de formação em Educação Ambiental com a população do contexto, visando a sinergia dos processos de aprendizagem que contribuem para a construção de territórios sustentáveis.
<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/formacao-de-educadores/coletivos-educadores>

Pude perceber esse processo de libertação certa vez quando tive a oportunidade de conhecer um homem que a meu ver era diferente de todas as pessoas que já tinha conhecido. Ele tinha trinta e poucos anos e havia cinco anos morava dentro de um carro, um motorhome. Fiquei muito curiosa sobre como era sua vida, o porquê de ter deixado para trás casa, família e emprego em busca de uma vida que fosse contra algumas ideologias da sociedade: trabalhar para acumular riquezas, comprar e usufruir das inovações tecnológicas, entre outras coisas.

Este homem então começou a me contar um pouco sobre a sua história... Seu pai foi alcoólatra e na infância ele e sua família sofreram muito com isso. Nos tempos de adolescência diversos amigos se envolveram e se perderam com as drogas, alguns morreram, outros foram internados e saíram do vício e outros ainda continuam. Começou a trabalhar muito cedo em um hospital onde teve a oportunidade de fazer muitas amizades e trocar ideias com pessoas que estavam abertas e sensíveis a diferentes tipos de relações humanas. Seu pai trabalhou muito durante toda sua vida e quando se aposentou e começou a fazer coisas das quais realmente gostava, mas logo adoeceu e veio a falecer. Quando tinha por volta dos seus dezenove/vinte anos sua namorada engravidou e tiveram uma filha, porém o namoro já não ia muito bem.

Começou então a se questionar sobre os porquês da vida, porque e para que trabalhar tanto, começou a refletir sobre o que era essencial para viver e o que não era tão necessário, passou a ver o exemplo do pai que deixou para fazer o que gostava quando se aposentou e que não teve muito tempo para

isso, pois faleceu. E diante de tantos questionamentos e reflexões ele decidiu não perder mais tempo, foi em busca daquilo que gostava e lhe dava prazer.

Uma das coisas que ele mais gostava de fazer era viajar, conhecer culturas, pessoas, aprender coisas e assim foi... Saiu pelo mundo viajando, conhecendo, aprendendo. Fiquei curiosa sobre o seu sustento, como ele fazia para se manter financeiramente. Ele me contou que em cada lugar que ele passa sempre consegue um trabalho temporário, um “bico”, disse que faz muitas coisas e ao mesmo tempo aprende coisas novas e com isso vai se sustentando. Atualmente trabalha seis meses com parapente no Rio Grande do Norte, um trabalho que ele gosta muito e sente prazer em fazê-lo e os outros seis meses do ano, viaja, conhece lugares, faz alguns “bicos” e aprende coisas novas.

Perguntei a ele se tinha o hábito de ingerir bebidas alcoólicas ou drogas, ele então me explicou que na infância quando via seu pai bêbado, seus amigos se perdendo com as drogas foi percebendo que aquilo não era bom e que não queria para ele. Explicou que com o estilo de vida que leva, qualquer vício desse tipo, facilmente ele se afundaria e perderia tudo que já conquistou, podendo se tornar até mesmo um mendigo.

Nesse momento da conversa imediatamente me lembrei de Lestingue (2004) quando afirma que o pertencimento e a identidade levam ao enraizamento e após a um desenraizar, como um movimento, a práxis da identidade. Vi neste homem uma identidade forte, como se na infância ele tivesse se nutrido do que a vida em família e a convivência em sociedade lhe proporcionaram e após quando se tornou adulto, essas referências e essa

essência estavam firmes e consistentes, seus valores morais, éticos estavam claros, e isso o libertou.

Uma das coisas que me chamou muito a atenção foi que ele afirma que acredita ser privilegiado pela vida que leva, diz que fez a melhor faculdade que foi a faculdade da vida, do dia-a-dia. Tudo que ele faz coloca amor, em todos os seus relatos é possível ver que ele ama a vida que leva e isso é o que faz sentido para a vida dele.

Passei então a refletir sobre a minha vida e sobre a vida das pessoas que convivo, fui percebendo que grande parte das pessoas não gosta da vida que leva, não gosta do trabalho que faz, e faz pelo dinheiro, para adquirir bens. Fico a pensar todas essas coisas, todos esses bens para que? As pessoas que trabalham a vida toda em algo que não lhe dá prazer, acumulam bens materiais, muitas vezes perdem a saúde com isso, lutam para que os filhos estudem para também ter um bom emprego e acumular mais coisas e quando essas pessoas chegam ao final da vida o que elas levam? Nada. Fico tentando encontrar um sentido para isso e me indigno porque me vejo enquadrado dentro desse mundo com essa lógica estranha.

Outro apontamento que o trabalho de Lestinge (2004) traz é que o fortalecimento dos sentimentos de pertencimento e identidade ao mesmo tempo que podem ser libertadores e ir em direção à autonomia, podem também criar o sentimento de rejeição ao outro que não faz parte do seu ambiente, repelindo o diferente.

Dessa forma, junto com os sentimentos de pertencimento e identidade devem ser construídos também um sentimento de respeito ao diferente e ao outro. Pois o respeito não deve ser somente em relação ao espaço que a

pessoa está inserida, mas que desse sentimento surja também o respeito ao que está além dele, as outras identidades. Sobre isso Makiuchi (2005), descreve a alteridade, a relação do ser humano com ela e como ele está inserido nela:

(...) a alteridade é a condição de possibilidade da pessoa humana. Somos o que somos porque o outro existe e sua existência nos afirma.

A alteridade é esta fratura na existência humana, a ruptura com este mundo natural que se dá a partir da consciência do “outro”, da distinção e da separação que se estabelece a partir daí. (MAKIUCHI, 2005, p. 29. Grifos do autor.)

Sauvé (2003), no texto “Perspectivas curriculares para la formación de formadores em educación ambiental”, afirma que a alteridade envolve a relação consigo mesmo e com o outro, porém ela não deve existir somente entre os seres humanos, mas deve existir com outros seres vivos e o meio ambiente.

Para Lestingue (2004), citando Unger (2001), a alteridade se trata de um saber da experiência vinculado a uma ética:

A experiência de estar no mundo, de morar, é a experiência do entrar em relação com a alteridade, com o sagrado; é a relação com a terra, com os outros, consigo, com o todo (...) não se trata de um saber desvinculado e abstrato, mas de um saber da experiência que está articulado a uma ética. (UNGER apud LESTINGUE, 2004, p. 52)

Com isso percebe-se que quando se desperta os sentimentos de pertencimento e identidade, já se encontra intrínseco a esses sentimentos a alteridade, o reconhecer-se a partir do outro, a ética e o respeito que surge a si mesmo e ao próximo que abrange desde seres vivos até o meio ambiente que se vive.

Acredito que quando for possível despertar esses dois sentimentos nas pessoas, suas atitudes em relação ao meio, que integra o bairro, o município, a natureza e todos seus habitantes, tanto os animais quanto as pessoas, serão transformadas. As pessoas pensarão mais no próximo, perceberão que todos são diferentes e tem necessidades diferentes, mas é preciso respeitar essas diferenças. Sentirão amor e cuidarão dos espaços em seu entorno, tanto espaços particulares quanto os espaços públicos. Terão respeito por culturas diferentes da sua, ao mesmo tempo em que sentirão orgulho e valorizarão a cultura do qual são pertencentes. Por fim se verão como parte dessa comunidade, surgindo também um autoconhecimento e espírito de integração, transformando os valores e as atitudes das pessoas.

3. COMO DESPERTAR OS SENTIMENTOS DE PERTENCIMENTO E IDENTIDADE NAS PESSOAS?

Já visto o que são esses sentimentos e a importância deles, veremos agora possibilidades apontadas em como se despertar esses sentimentos nas pessoas e sua interferência no meio escolar.

Na pesquisa “Parâmetros e indicadores de uma educação ambiental crítica a partir da construção dos conceitos de pertencimento, alteridade e potência de ação”, processo FAPESP 06/02138-6, Chabes (2008) coloca que para que uma pessoa se sinta pertencente ela tem que se reconhecer e sentir-se reconhecida dentro do grupo que está inserida, de forma que o grupo também a reconheça.

Bondía (2002), no texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, afirma que para se despertar o sentimento de pertencimento e ter uma identidade é necessário ter uma experiência, pois:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (BONDÍA, 2002, p. 21)

E mais adiante explica o que é necessário para se ter uma experiência:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar

muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p.24)

Essa passagem de Bondía (2002) me trouxe à lembrança uma música que fala sobre a velocidade com que o mundo e as coisas vão acontecendo, Lenine então fala sobre a paciência e como a vida é rara.

*Paciência
Lenine*

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não para*

*Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso faço hora vou na valsa
A vida é tão rara*

*Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
E o mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência*

*Será que é tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esse tempo pra perder
E quem quer saber
A vida é tão rara (Tão rara)*

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
Eu sei, a vida não para (a vida não para não)*

O pertencimento por um lado mais abstrato, são atitudes que transpareçam fazer com que as pessoas saiam do senso comum e passem a ter um olhar mais crítico diante da realidade, que desperte motivação e entusiasmo para com o coletivo envolvido, buscando encontrar evidências que

apontem para que cada um se orgulhe do ser o que é, dos seus ascendentes e descendentes e avancem na busca por um mundo mais justo e melhor.

Na sua tese Lestinge (2004) diz que a partir do momento que nós passamos a nos transformar, passamos a nos entender e entender as pessoas de outra forma, ampliamos a noção que temos de nós mesmos e com isso o mundo se ampliará também.

Para Santos (2010) os sentimentos de pertencimento e identidade serão desenvolvidos na prática de educação ambiental, e para que essa aconteça é necessário levar em conta o diálogo, a participação, integração dos grupos envolvidos, trocas de experiências, a ética, o respeito, as particularidades individuais e coletivas da cultura e do ambiente local. Para ela, a educação ambiental levará a uma transformação da realidade socioambiental, e para se alcançar essa transformação um dos meios que ela cita é a práxis, defendida por Paulo Freire que envolve ação e reflexão simultaneamente.

Santos (2010) defende que a pedagogia da práxis

é uma teoria que procura não esconder o conflito, a contradição, mas, ao contrário, entende-os como inerentes à existência humana, explicita-os e convive com eles, mesmo porque é o conflito que gera a superação (SANTOS, 2010, p. 78)

Para Gadotti (2005) a pedagogia da práxis evoca a tradição marxista e significa ação transformadora. Considera o homem um ser incompleto, inacabado, por isso, o sujeito da história, onde cria e se transforma ao mesmo tempo em que transforma o mundo.

Segundo Santos e Costa-Pinto (2005), a capacidade do homem de agir no mundo e de transformar a realidade está relacionada à “Potência de ação”,

envolvendo uma atitude inconformista, que assim brotará o desejo de construção e transformação da realidade.

Esses autores afirmam que a potência de ação está relacionada no sentido de “mover”, “tocar” e “transformar” o homem. E esse movimento é

(...) o que nos move é a busca da liberdade e da felicidade e esta busca relaciona-se, indissociavelmente, à nossa capacidade de expressar e realizar nossos desejos. (SANTOS e COSTA-PINTO, 2005, p.297)

Para elas o ser humano é movido pela razão, mas não no sentido de negação dos afetos, a razão que é o produto dos afetos. Acreditam que quando somos levados pelas paixões e emoções, nos tornamos seus servos e portanto, não racionais. Já a ação racional é resultado de uma ideia que é claramente concebida, em que a razão se torna um instrumento para realização do que se deseja.

Durante o período da minha pesquisa surgiu um conceito que, embora não seja tão novo, eu ainda não tinha tido contato algum, porém, ao conhecê-lo pude ver que ele vem de encontro com as reflexões aqui propostas.

Falo do Holismo. Segundo Pierre Weil (1993) a humanidade se fragmentou, a ciência, filosofia, arte, religião tudo foi separado. Porém, a pior das fragmentações foi a que dividiu os homens em corpo, emoção, razão e intuição, pois essas fragmentações “nos impede de raciocinar com o coração e sentir com o cérebro” (WEIL, 1993, p. 21). Para ele, esse é o grande motivo de atualmente o mundo estar em guerra, pois essa é a origem de todo conflito, moléstia, tensão e agressão.

A solução que Weil (1993) propõe para este problema é a holística que, ao contrário do mundo fragmentado que o próprio homem criou, significa a

totalidade, o inteiro. É um adjetivo que se refere ao conjunto, ao “todo”, à inteireza do mundo e dos seres.

Weil (1993) afirma que uma proposta holística desperta e desenvolve tanto a razão quanto a intuição, a sensação e o sentimento. Já na educação uma visão holística desperta uma imensa força de sabedoria e de amor oculta no coração das crianças, dos adultos e de todos que estiverem ali envolvidos.

Para ele a abordagem holística do real⁷, permite apontar os fundamentos para:

- *Uma transformação individual, graças à identificação e à dissolução dos obstáculos no plano humano.*
- *Fornecer um apoio para a transformação cultural no plano da sociedade, a partir de uma harmonia entre o homem e todos os outros seres.*
- *O retorno a uma relação harmoniosa com a natureza e o universo em geral. (WEIL, 1990, p. 51)*

Nesse ponto da pesquisa voltaremos nossa reflexão para o ambiente escolar.

Segundo Sandro Tonso (2005) no texto “Cardápio de aprendizagem”, ele explica que junto com a economia industrial que utiliza a produção em larga escala, a escola também passou por essa adaptação na tentativa de “*forma(ta)ção das massas*” (TONSO, 2005, p. 50). Essa adaptação fez com que a escola passasse a ensinar e formar grande quantidade de pessoas, com isso instituiu-se um saber único vinculado a uma verdade absoluta de Norte a Sul do país sem levar em consideração culturas, costumes e singularidades de cada região.

Para a formação das massas, formação em grande escala que a escola passou a fazer, ele atribuiu o nome de fast-food, comparando aos restaurantes

⁷ É o conjunto de métodos que permite ao homem a compreensão da perspectiva holística.

que, com cardápio reduzido, alimentam diferentes tipos de pessoas, desconsiderando qualquer tipo de particularidade.

Para Tonso (2005) a consequência de uma aprendizagem fast food é

Os riscos da perda de IDENTIDADE, de PARTICIPAÇÃO no próprio destino, o bloqueio à EMANCIPAÇÃO, a destruição da AUTONOMIA, da POTÊNCIA DE AÇÃO, são consequências diretas da massificação da Educação. (TONSO, 2005, p. 50, grifos do autor)

Além disso, ele afirma que a formação humana passa a ser artificial, diante de um afastamento da realidade socioambiental e regional, com isso a perda da identidade acontecerá. Tonso (2005) propõe uma possível solução que consiste no não engessamento da educação e no aceitamento da diversidade:

(...) Não engessar a formação é uma atitude política, na medida em que, desta forma, afirma-se a IDENTIDADE e DIVERSIDADE, acentua-se a posição de que somos todos diferentes e que a diferença não é um problema, muito pelo contrário, é uma característica que deve ser valorizada, incentivando que cada educando busque os itens que lhe sejam mais apropriados, incentivando-os na construção de sua AUTONOMIA (TONSO, 2005, p.52)

No livro “Cuidado, Escola!”, Harper (1980) afirma que a escola é uma engrenagem de reprodução das desigualdades da sociedade. Crianças de um meio abastado e crianças de um meio popular já chegam à escola portadoras de desigualdades, pois vivem em mundos completamente diferentes, e tratá-las em pé de igualdade significa não só manter a desigualdade, mas aumentá-la.

Outras críticas que nesse livro encontro em relação à escola é que ela se distancia da realidade, fazendo com que o ensino não tenha sentido e nem utilidade. Ao mesmo tempo que domestica, disciplina e com isso acaba com as identidades, como afirma o autor:

A identidade sentida pela criança entre sua linguagem e seu eu faz com que toda intervenção, visando a corrigir sua linguagem, corra o risco de ser interpretada como sendo um julgamento de valor sobre sua pessoa. (HARPER, 1980, p. 50)

Acredito que se os sentimentos de pertencimento e identidade estivessem presentes dentro das escolas as crianças, professores e funcionários cuidariam mais daquele ambiente, se dedicariam fazendo com que a educação acontecesse de fato. Despertaria uma sensibilidade para com aquele ambiente que, com espírito coletivo, buscariam melhorias para aquele local e conseqüentemente para a comunidade que estão inseridos.

Lestinge (2004) acredita que os sentimentos de pertencimento e identidade são despertados no ambiente escolar através do estudo do meio, pois é um espaço de vivência que permitirá “aprofundar conhecimentos e se rever atitudes, conceitos, valores éticos e estéticos” (LESTINGE, 2004, p. 5). Para a autora, a prática de estudos do meio confirmará e contribuirá para a construção de sociedades futuras, pois os envolvidos sentiram-se pertencentes e inseridos num contexto socioeconômico e cultural, de modo a recuperar a dignidade humana e a qualidade de vida.

Dessa forma percebe-se que dentro do contexto escolar uma das formas possíveis de se desenvolver o sentimento de pertença é a realização de estudos do meio, favorecendo com que as crianças conheçam um pouco mais sobre o ambiente em que vivem, percebam seus problemas e dificuldades, identificando-se como seres ativos e possíveis de mudanças, para que assim lutem para torná-lo melhor em busca de sociedades mais igualitárias.

Em Maturana e Rezepka (2003), já citados anteriormente, encontramos outro ponto de vista:

a tarefa da educação é formar seres humanos para o presente, para qualquer outro presente, seres nos quais qualquer outro ser humano possa confiar e respeitar, seres capazes de pensar tudo e de fazer tudo o que é preciso como um ato responsável, a partir de sua consciência social (MATURANA E REZEPKA, 2003, p. 10)

Eles afirmam que quando formamos nossas crianças para futuro que buscamos, fazemos com que elas cresçam alienadas e inibam seus próprios desejos de futuro. Assim devemos aceitar as crianças “como um ser legítimo em sua totalidade em cada instante e não como uma passagem para a vida adulta” (MATURANA E REZEPKA, 2003, p. 13), permitindo que façam escolhas a partir de si mesmas e não movidas por pressões externas.

Esses autores alegam que a tarefa do âmbito escolar é enriquecer e criar condições que ampliem a capacidade de ação e reflexão da criança, corrigindo o seu fazer e não o seu ser, mostrando-lhes que nelas está tudo o que precisam para serem seres humanos íntegros, responsáveis e amorosos e que ao invés de ensinar valores, deveremos vivê-los. Eles apresentam a “biologia do amor” que na educação consiste em o professor aceitar a legitimidade de seus alunos como seres válidos no presente e corrigir somente o fazer e não ser da criança.

Assim como Cora Carolina no início deste trabalho em sua poesia citada afirma que nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas, Maturana e Rezepka (2003) também acreditam que o curso que a vida humana deve seguir é o das emoções e não o da razão e somente seguindo esse curso será possível alcançarmos transformações na nossa sociedade.

O filme “Quem somos nós?” vem de encontro às ideias de Maturana, Rezepka (2003) e Cora Carolina, apresentadas no parágrafo anterior. O filme conta duas narrativas sobrepostas: uma, constituída de depoimentos de diferentes profissionais do campo da ciência e da religião e, outra, composta por um enredo simples que tem função ilustrativa dos argumentos apresentados nos depoimentos. No decorrer do filme dentre eles há um depoimento que me chama muito à atenção quando afirmam “Nós somos as emoções e as emoções são nós. As emoções não são ruins, elas são vida. Dão a cor e a riqueza da nossa vida.”

Refletindo sobre o que Maturana e Rezepka (2003) acreditam vimos que não devemos ensinar valores para as crianças, mas que deveremos vivê-los. Fico a me questionar se realmente vivemos aquilo que cobramos dos alunos na escola. Um episódio que me levou a pensar muito sobre isso é que atualmente trabalho em uma escola onde me coloco no papel do educador e estudo na faculdade onde me coloco no papel de aluno. Ao parar para refletir sobre minhas atitudes como educadora e como aluna, percebi que existe uma grande incoerência sobre o que eu cobro dos alunos e como me comporto enquanto uma.

Um exemplo muito simples foi que enquanto educadora, vejo a cobrança muito forte em ter uma “postura de aluno” para as crianças. Essa postura consiste em ter a carteira organizada, sentar com a coluna reta e os pés de forma adequada ao chão, conversar com colegas sobre outros assuntos somente em momentos adequados e ao querer posicionar-se levantar a mão e falar só quando permitido. Essa cobrança parte dos professores em relação

aos alunos, mas eu nesse ambiente, em muitos momentos, também já cobrei essa postura das crianças.

Porém quando me coloco como aluna não vivo essa postura da qual já cobrei dos alunos. Sento-me da forma como for mais confortável para o momento, seja com os pés na cadeira, para frente, coluna torta, etc, tenho conversas paralelas durante a aula e quando quero me posicionar por vezes já interrompi a aula, cortei algumas falas e coloquei minha opinião.

Diante desses fatos pude perceber que Maturana e Rezepka (2003) têm razão, pois se tentamos ensinar valores e não vivê-los, as crianças e os jovens aprenderão a cobrar valores os quais também não vivem. A partir do momento que cobramos valores dos quais vivemos, seremos exemplos para as crianças, podemos assim tocar seus corações e fazer a diferença na vida destas.

Maturana e Rezepka (2003) propõem no livro em questão sete oficinas de trabalho para que se possa ampliar a visão do viver cotidiano da tarefa educacional. Essas oficinas envolvem espaços de ação e reflexão, o que torna perceptível o desenvolver dos sentimentos de pertencimento, identidade e a biologia do amor, que eles acreditam ser o caminho a ser seguido na educação.

Na primeira oficina os autores falam do respeito por si mesmo e da autonomia social, em que se enquadra a pergunta “o que estou fazendo?” para que assim os envolvidos passem a perceber o que se faz e o que falta fazer na vida. Na segunda o tema é a emoção e razão, pois segundo Maturana e Rezepka “dar-se conta das próprias emoções implica em dar-se conta do que se quer, e isto abre as perguntas pela responsabilidade e pela liberdade: quero ou não quero o que quero?” (MATURANA 2003 p. 30)

A oficina seguinte falará sobre a correção do fazer e não do ser, pois na educação a correção do ser implica em uma ameaça do que a criança vê ou vive em nossa cultura, alienando-a, já a correção do fazer não tem como referência sua identidade, assim serão especificados os limites dentro do fazer. Na oficina quatro é proposta a criação de mundos, pois quando mudamos o nosso viver acabamos também por criar mundos distintos.

Na próxima eles falarão da biologia do amor; que o amor é o fundamento humano e a cura para qualquer tipo de enfermidade. A aceitação do ser é construtiva e amplia a inteligência no autorrespeito, devolve o sentido à vida e ao fazer. Na sequência será a oficina de corpo e alma, onde eles afirmam que o corpo e a alma são inseparáveis em que o ser vivo é uma unidade dinâmica do ser e do fazer.

Na sua última oficina vão falar da ética e espiritualidade em que ambas estão relacionadas com a emoção e não com a razão. A ética está relacionada com a preocupação pelas consequências das próprias ações sobre o outro e se funda no amor, o que se diferencia da moral que se funda na exigência de cumprimento de valores. Já a experiência espiritual é uma ampliação de consciência, de pertença a um âmbito mais amplo de existência e, como tal, também se funda no amor que abre o espaço de legitimidade à coexistência de tudo.

No livro Maturana e Rezepka (2003) expõem como desenvolver cada uma dessas oficinas. Aqui somente pontuo do que trata cada uma delas tentando demonstrar que os sentimentos de pertencimento e identidade envolvem reflexões e atitudes, passando por muitos outros tipos de sentimentos.

Refletindo sobre o despertar do sentimento de pertencimento e levando em consideração a biologia do amor que Maturana e Rezepka (2003) propõem, acredito que é através do amor que o sentimento de pertencimento será despertado. Quando as pessoas agem com amor e fazem aquilo que realmente gostam esse amor será refletido em todas suas atitudes, fará parte do seu ser/indivíduo por completo.

Agir com amor significa fazer algo que seja prazeroso, que faz com que você se sinta vivo e plenamente satisfeito. Atitudes e ações que provêm do amor só poderão ser coisas boas, e são essas atitudes que transformam pessoas. Segundo Paulo Freire a educação transforma pessoas e pessoas transformam o mundo.

Durante o período que estive em contato direto com a escola, tive a oportunidade de conversar com vários professores e ver muitos pontos de vista diferentes. Percebi que no falar do professor é possível ver se o que ele faz, faz com amor ou por obrigação. Já ouvi professores dizerem que se encontraram na profissão, que se o tempo voltasse fariam tudo novamente, pois foi na escola que encontraram o essencial, a vida, e que tudo valeu a pena. Outros já disseram que achavam impossível pessoas quererem outra profissão que não a de lecionar, pois é a melhor coisa da vida. Foram nesses professores que pude perceber um brilho no olhar, um amor que transborda e inspira, motiva e cativa, são esses professores que fazem a diferença na vida das crianças e por meio do exemplo deles é que eu acredito que a educação possa ser melhor de fato.

Porém como tudo na vida tem dois lados, já tive a oportunidade de conversar com professores que não gostam daquilo que fazem, que já não

acreditam na educação, a obrigação e o sustento da família é o único motivo que os fazem lecionar. Eles afirmam que se o tempo voltasse jamais teriam escolhido essa profissão, me acusam de estar louca por querer isso para mim e ainda afirmam que um dia eu vou me arrepender. Estão desmotivados e infelizes com aquilo que fazem. Acredito que não são culpados por esta desmotivação, pois olhando de uma forma realista a educação, em grande parte do país, as condições para o ensino são precárias, a falta de respeito no ambiente escolar é algo que se torna aceitável a cada dia, e essa falta de respeito não é somente na relação professor/aluno, mas em todo tipo de relação humana dentro do ambiente escolar essas atitudes têm se tornado comuns.

Infelizmente essa realidade tem feito parte da vida de milhares de professores. Uma reportagem do jornal Estadão em agosto de 2013, afirma que a cada dia cerca de oito professores da rede estadual de ensino pedem exoneração do cargo, por ano estipula-se uma média de três mil professores. Na reportagem os motivos pelo abandono de carreira são os salários baixos, poucas perspectivas e más condições de trabalho, porém esses motivos foram generalizados, existem outros fatores mais profundos de cada pessoa, o que gera muitas outras coisas que envolvem essa insatisfação.

Diante destes fatos fico a me questionar o porquê de tanta evasão? Como o governo poderia interferir para que pudesse melhorar essa situação? Quais seriam as estratégias para melhores salários e melhores condições de trabalho? E quais seriam essas condições? Quais seriam as perspectivas necessárias para que o professor se sentisse estimulado, presente, vivo? E os alunos? Como essa evasão de professores os afeta? O que é necessário para

que eles sintam prazer em aprender? Para que se divirtam e se envolvam de forma que a aprendizagem não seja algo mecânico?

Com todos esses dados pessimistas e esses questionamentos eu volto a falar do amor. Se os professores vivessem o amor em tudo o que fazem, será que poderiam ter a chance de tocar o coração dos alunos e despertar esse sentimento neles também? Acredito que esse amor fará com que você esteja inserido dentro de uma comunidade que te faz “sentir-se vivo”, que te envolve em suas partes e que te torna um membro dela. Pensando nisso me recordo de Lesting (2004) em sua tese que afirma que pertencimento liberta pessoas, pois quando você está inserido dentro dessa comunidade, quando você se nutre do que está ali, você estará pronto para se libertar e em qualquer lugar que você estiver, esses referenciais, esses princípios, estarão vivos dentro de cada um. A sua essência te libertará. Isso não impedirá de ter novos aprendizados e acrescentar novas coisas dentro de cada um, pois esses novos “aprendizados” serão acrescentados e não substituídos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desse trabalho não foi de responder questões ou solucionar os problemas apontados. O objetivo dessa pesquisa foi levantar questionamentos, conduzir a um caminho que levasse a uma reflexão sobre a perda do sentimento de pertencimento e identidade nas pessoas, nas relações, na convivência em comunidade e dentro do ambiente escolar e quais são as consequências disso.

Acredito que as dificuldades dentro do ambiente da sala de aula começam pela ausência em SER HUMANO. Todas as pessoas que estão envolvidas dentro do ambiente escolar são seres vivos como quaisquer outros, logo entende-se que temos limitações e fraquezas. Se dos muros da escola para dentro os seres vivos que lá estão tiverem que “esquecer” o mundo lá fora e se dedicar somente ao que ocorre ali dentro, essa dedicação será mecânica. Por exemplo, certo dia uma criança chega à escola agressiva, xinga, bate sem ter motivos, grita, agride, com certeza essa criança já chegou com algum problema de casa e essa é a forma que encontrou de manifestar esse sentimento. Se o professor somente castigá-lo, esse problema será reprimido o que poderá complicar ainda mais. Porém se tiver um diálogo, uma tentativa de compreensão da parte do professor, para a criança essa relação, com o tempo, pode mudar. A criança passará a se sentir acolhida e importante dentro do grupo e com isso, acredito eu, despertará uma identidade que estimulará o cuidar, o afeto e o amor para com o ambiente escolar.

Dentro da escola uma das coisas que muito me incomoda é de sempre ter que ficar bravo. Parece-me que se os adultos não estiverem sempre bravos o aprendizado, o respeito com o colega entre outras coisas não acontecem. Se

o aluno está fazendo algo que não é para fazer naquele momento e o adulto pede para que ele pare, de forma amigável, conversando, esse aluno não para. Você pode pedir uma, duas, três vezes que esse aluno não para. A partir do momento que o mesmo fica bravo, dá bronca ou faz ameaças, a criança faz o que foi pedido.

Certa vez tive contato com crianças de cinco anos, onde eu e mais uma professora estávamos trabalhando juntas, eu com nenhuma experiência em sala de aula e ela já com muitos anos. Naquela época eu sentia que não era muito respeitada pelas crianças, por diversas vezes quando estive sozinha com elas, abriam a porta e corriam por toda a escola, e sem a ajuda de outra pessoa já com experiência ficava muito difícil fazê-las retornar à sala. Um garoto por várias vezes me desrespeitou, me xingava, não me obedecida e em determinado momento tentou até me agredir. Um dia sentei-me para conversar com ele e tivemos o seguinte diálogo:

- *Zé, eu te respeito?*
- *Sim.*
- *Eu já fiz algo que te incomodou? Te tratei mal?*
- *Você já se sentiu desrespeitado por mim?*
- *Não.*
- *Então porque você não me respeita?*
- *Não sei.*
- *Porque a Chica (a professora que me acompanhava) você respeita e a mim não?*
- *Ah porque ela é brava.*
- *E eu, o que eu sou?*
- *Você é boazinha.*
- *Tem que ser bravo para você respeitar?*
- *Sim, tem que ser bravo.*

Esse sentimento de ter que estar sempre bravo é algo que percebo que acontece sempre e com todas as idades. Não consigo entender o porquê disso. É algo que me incomoda profundamente dentro do ambiente escolar.

Imagino que as relações já devam vir desgastadas de casa e explodem na escola. É muito perceptível as crianças que em casa apanham por punição e ao chegarem à escola, quando se tenta conversar com elas o diálogo se torna improdutivo. Como a violência e a agressão são tratadas na escola? Nas minhas experiências escolares sempre foram atitudes inaceitáveis, porém fico pensando nas crianças que apanham dentro de casa e na escola quando se veem coagidas, batem. É uma reprodução do que se vive em casa. Mas como resolver isso? Permitir que as crianças saíam batendo em todo mundo é impossível. Como fazer então? Acredito que por meio do diálogo. Esperar que a criança se acalme, ouvir o que ela tem a dizer, os motivos que fizeram com que ela tivesse tais atitudes, conduzir a conversa de forma com que ela não se sinta reprimida, mas mostrar que você está aberto a entendê-la. Essas atitudes, penso que estreitarão a relação entre o professor e aluno, fazendo com que os alunos tenham confiança e se sintam a vontade para se posicionarem.

Com isso, acredito que conduzir a vida de uma forma em que o diálogo prevaleça, que o amor transborde e inspire, são alternativas para que os sentimentos de pertencimento e identidade sejam despertados, tornando a vida mais leve e suave em meio aos atropelamentos do dia-a-dia. Por isso que gosto muito de comparar a vida com as borboletas.

As borboletas são belas. Elas podem ser brancas, amarelas, azuis, pretas, de várias cores, tamanhos e formatos, diferentes entre si, mas o que elas têm em comum é a beleza, independente das diferenças. Acredito que o que buscamos na vida é bem parecido com a beleza das borboletas. Todas as pessoas (em sã consciência) buscam por uma vida alegre, feliz, bela como as

borboletas, porém nos esquecemos de ver tudo o que elas passaram para alcançar essa beleza.

A borboleta passa por muitas etapas em sua vida, em todas elas existem grandes desafios a serem alcançados, como se livrar dos predadores, as condições ambientais, intempéries, entre outros. Elas passam por uma grande metamorfose, que dos ovos nascem lagartas, originam os casulos e se transformam em borboletas.

A vida dos homens também é assim, nascemos, crescemos, passamos por momentos tristes, felizes e entre todos esses momentos temos muita aprendizagem. Devemos abrir nossos olhos para enxergar mais a beleza da vida, ver o que realmente é importante e essencial. Assim como a borboleta passa por uma metamorfose e, além de bela, é leve e chega a flutuar no ar, devemos voltar nossa inspiração nelas.

Mas, assim como algumas borboletas não conseguem passar da etapa de larvas ou casulo e morrem, algumas pessoas vivem como se fossem larvas e casulos, não evoluem a ponto de virar uma borboleta e usufruir de sua beleza e leveza. E como nós, professores, podemos estimular que nossos alunos saiam do casulo e virem borboletas?

Acredito que os benefícios que vêm junto quando os sentimentos de pertencimento e identidade estão fortalecidos são parte do caminho que se segue para chegar até a borboleta. Esses sentimentos despertam o respeito, compaixão, amor, solidariedade, alegrias, busca por melhorias, espírito coletivo, humanidade, reflexão, alteridade, entre muitas outras coisas boas. Quando esses sentimentos estão juntos, os ambientes e as relações colaboram para melhorias.

Durante a pesquisa citei algumas músicas e para finalizar gostaria de mencionar parte de uma música que fala do amor e sua importância nas relações entre as pessoas e o ambiente em que convivem.

*Monte Castelo
Legião Urbana*

*Ainda que eu falasse a língua dos homens
e falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.*

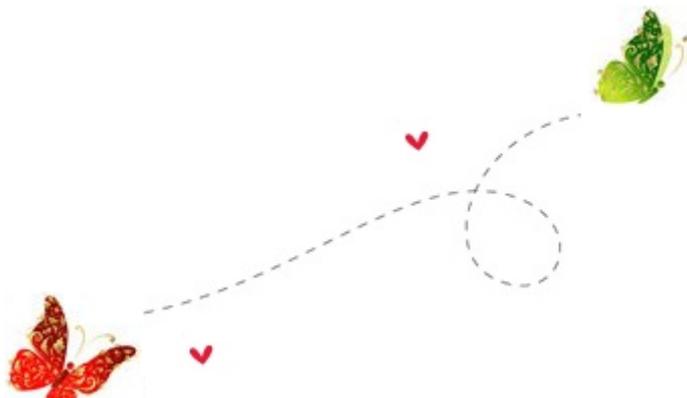
*É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece.*

*O amor é o fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.*

*Ainda que eu falasse a língua dos homens
e falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.*

*É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente
É um não contentar-se de contente
É cuidar que se ganha em se perder.*

*É um estar-se preso por vontade
É servir a quem vence, o vencedor
É um ter com quem nos mata a lealdade
Tão contrario a si é o mesmo amor.*



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 2003.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, nº19, 2002.

CHABES, Marcos Lourenço. **“Parâmetros e indicadores de uma educação ambiental crítica a partir da construção dos conceitos de pertencimento, alteridade e potência de ação”**. 2008 (processo FAPESP 06/02138-6).

CNAS/CONANDA. Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, 2009.

Gadotti, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. In ENCONTROS e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Coautoria de Luiz Antonio Ferraro Junior. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005, p. 237 - 244.

HARPER, Babette (Coaut. de). **Cuidado, escola: desigualdade, domesticação e algumas saídas**. 15. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1980.

JORGE, Rogério Ribeiro. **Território, identidade e desenvolvimento: uma outra leitura dos arranjos produtivos locais de serviços no rural.** São Paulo 2010.

LESTINGE, Sandra Regina. **Olhares de educadores ambientais para estudo do meio e pertencimento.** 2004. Dissertação (Doutorado em Recursos Florestais). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba.

MAKIUCHI, Maria de F. Rodrigues. **Alteridade.** In ENCONTROS e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Coautoria de Luiz Antonio Ferraro Junior. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005, p. 27 – 35.

MATURANA, Humberto R.; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação.** Tradução de Jaime A. Clasen. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SÁ, Lais Mourão. **Pertencimento.** In ENCONTROS e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Coautoria de Luiz Antonio Ferraro Junior. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005, p. 245 - 256.

SANTOS, Silvia Aparecida Martins dos. **Políticas públicas de formação de educadores ambientais: análise do processo de constituição**

do coletivo educador de São Carlos, Araraquara, Jaboticabal e região – Cescar. São Carlos 2010.

SANTOS, Cláudia Coelho e COSTA-PINTO, Alessandra Buonavoglia. **Potência de Ação.** In ENCONTROS e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Coautoria de Luiz Antonio Ferraro Junior. Brasília, DF: Ministerio do Meio Ambiente, 2005, p. 295 – 302.

SAUVÉ, L. **Perspectivas Curriculares para la formacion de formadores em educación ambiental.** In: I Foro Nacional sobre la incorporacion de la perspectiva ambiental em la formación técnica y professional. San luis Potosi, S. L. P. México. UASLP, 2003.

WEIL, Pierre. **Holística: uma nova visão e abordagem do real.** São Paulo, SP: Palas Athena, 1990. Parte I p. 9 – 56.

_____. **A arte de viver em paz: por uma nova consciência e educação.** 6. ed. São Paulo, SP: Gente, 1993.

<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,por-ano-3-mil-professores-desistem-de-dar-aula-nas-escolas-estaduais-de-sp,1069886>

<http://www.borboleta.org/2011/05/vida-da-borboleta-o-nascimento-da.html>

VIDEOGRAFIA

A casa de pequenos cubinhos

Título original: つみきのいえ

Ano de produção: 2008

Duração: 13 minutos

Direção: Kunio Katô

Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=jUVhV1px6js>

Catra Presidente

Composição: Thiago Matheus / Giuliano Matheus / Mr. Catra

Artista: Thiago Matheus – participação Mr. Catra

Álbum: Catra Presidente – 2014

Disponível: <http://www.vagalume.com.br/thiago-matheus/catra-residente-part-mr-catra.html>

Copinho

Composição: Sorocaba

Artista: Henrique e Diego

Álbum: CD 1 – Hed Master

Disponível: <http://www.vagalume.com.br/henrique-e-diego/copinho.html>

Monte Castelo

Composição: Renato Russo

Artista: Legião Urbana

Álbum: As quatro estações - 1989

Disponível <http://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/monte-astelo.html>

Paciência

Composição: Lenine

Artista: Lenine

Álbum: Na pressão – 1999

Disponível: <http://www.vagalume.com.br/lenine/paciencia.html#ixzz3IHwoY1lw>

Quem somos nós?

Título original: What the beep do we know?

Ano de produção: 2004

Duração: 113 minutos

Roteiro: Betsy Chasse, Mark Vicente, Matthew Hoffman e William Arntz.

Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=WDXFRvbe2VY>